

**(RE)CONFIGURAÇÕES SOCIOCULTURAIS EM ITENS LEXICAIS REFERENTES
À FESTA DE NOSSA SENHORA DA ABADIA EM JATAÍ (GO)**

**SOCIO-CULTURAL (RE)CONFIGURATIONS IN LEXICAL ITEMS CONCERNING
TO FESTA DE NOSSA DA ABADIA IN JATAÍ (GO)**

Vanessa Regina Duarte Xavier
Doutora em Letras
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão
(vrdxavier@gmail.com)

Rennika Lázara Dourado Cardoso
Mestre em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão
(rennika16@gmail.com)

RESUMO: O léxico revela-se capaz de refletir características de uma comunidade, pois por ele acessamos a estrutura sociocultural de um povo. Deste modo, o presente trabalho teve como *locus* da pesquisa a Região da Onça em Jataí (GO), que celebra a Festa de Nossa Senhora da Abadia. As práticas culturais nela envolvidas são transmitidas às novas gerações por meio de textos orais, como causos, músicas sertanejas caipiras relacionadas ao festejo e cantigas da folia. Destarte, com vistas à obtenção dos dados léxicos representativos da Festa referida, foram realizadas entrevistas com pessoas do local, que participam da sua execução. As entrevistas revelam memórias referentes aos rituais desta manifestação cultural rural local, assim como costumes de outrora, que ainda ressoam e resistem na atualidade que se fazem sentir, especialmente, no repertório lexical da comunidade. O objetivo principal deste trabalho é a análise de lexias que tiveram o seu sentido modificado pelas alterações de práticas culturais sofridas por ritos da festa ao longo dos anos. Utilizamos como base para as discussões: i) as considerações de Biderman (2001) e Ferreira (2008), referentes às ponderações sobre léxico; ii) os textos de Câmara Júnior (1955) sobre língua e cultura e de Sapir (1969) relativo à relação entre linguagem e ambiente e iii) por fim, as contribuições de Bosi (1992), Caldas (2007) e Malinowski (1985) sobre cultura popular. Os resultados deste trabalho apontam mudanças no sentido das lexias adotadas pelo grupo para referirem-se a determinadas práticas culturais.

Palavras-chave: Léxico. Cultura Popular. Festa de Nossa Senhora da Abadia.

ABSTRACT: The lexicon proves itself capable of reflecting characteristics of a community, since it accesses a sociocultural structure of peoples. Thereby, the present study had as research locus the Onça region in Jataí (GO), where it is celebrated the Festa de Nossa Senhora da Abadia. The cultural practices involved are transmitted to new generations through oral texts, such as histories (causos), músicas sertanejas caipiras (a kind of Brazilian country music) related to the celebration and songs of folia. Thus, in order to obtain the lexical data representative of the mentioned Festa, interviews were conducted with local people who participate in its execution. The interviews reveal memories of the rituals of this local rural cultural manifestation, as well as the customs of olden days, which still resound and resist in the present day, especially in the lexical repertoire of the community. The main objective of this study is the analysis of lexias that had their meaning modified by the changes of cultural practices occurred by rites of the celebration over the years. We used as basis for the discussions: i) the considerations of Biderman (2001) and Ferreira (2008), regarding lexical deliberations; (ii) texts by Câmara Júnior (1955) about language and culture and Sapir (1969)

on the relation between language and the environment and (iii) finally, the contributions of Bosi (1992), Caldas (2007), and Malinowski (1985), respectively, with respect to popular culture. The results of this study point to changes in the lexias adopted by the group to refer to certain cultural practices.

Keywords: Lexicon. Popular culture. Festa de Nossa Senhora da Abadia.

Considerações iniciais

O nosso objeto de estudo é a festa de Nossa Senhora da Abadia que acontece no município de Jataí (GO), na Região da Onça, localizada na zona rural do território jataiense. Neste trabalho, voltamos os nossos olhos especialmente para a cultura popular de âmbito rural manifesta no léxico relativo à Festa. Em festas religiosas realizadas no interior do estado de Goiás, principalmente a supracitada, observamos que a linguagem, manifestada em sua substância oral, faz-se presente, pois as tradições religiosa e festiva conservam-se, ao longo do tempo, por meio dela.

Nesse sentido, notamos que as práticas culturais da festa são sempre acompanhadas de textos orais, sendo as cantigas da folia, os cantos dos rezadores de terço e as canções típicas do festejo transmitidos pela memória coletiva. Dessa forma, entendemos que faz-se necessário uma análise das lexias que representam as práticas culturais constitutivas da festa mencionada (BRANDÃO, 1985), com foco nos itens léxicos que tiveram o seu uso modificado, pois uma das características da cultura popular, de acordo com Caldas (2007), é a capacidade de reinventar-se ao longo do tempo para manter-se viva através dos anos.

Assim sendo, novas práticas são adotadas pelo grupo de organizadores para que a festa seja propagada há mais de um século e esperamos que essas alterações sejam refletidas no léxico dos entrevistados, pois, a língua, como afirma Faraco (2005), conserva traços socioculturais, embora a mudança cultural seja muito mais rápida do que a linguística. Nas palavras do autor, esta será refletida na linguagem de um grupo, pois as práticas culturais fazem parte da memória coletiva e individual de um grupo e não são deixadas de lado com facilidade, pois, como afirma Halbwachs (2003), elas fazem parte do sujeito e são o elo entre os membros de uma comunidade.

É pertinente ressaltar a existência de várias festas de roça na cidade de Jataí-GO, como as realizadas em honra a São Sebastião, São João e São Pedro, que seguem a lógica do homem rural e resistem através do tempo à velocidade da vida moderna. A opção pela festa em homenagem à Nossa Senhora da Abadia, se deu

pelo fato de ela ser uma das mais tradicionais no município e não haver estudos sobre o festejo relacionados à área da linguagem.

Vale mencionar também que este artigo é resultado de várias etapas de pesquisa, sendo elas os estudos bibliográficos referentes ao tema, a pesquisa de campo, com observações realizadas durante todos os ritos do festejo, bem como a gravação e transcrição de entrevistas, inventário e análise lexical.

O aporte teórico principal desta análise serão os estudos de Biderman (2001) e Ferreira (2008) relacionados ao léxico e às escolhas lexicais dos falantes. No que se refere aos estudos culturais, recorreremos aos escritos de Bosi (1992), Caldas (2007), Malinowski (1985) e Paula (2010), com foco em práticas relacionadas à cultura popular assentadas na linguagem.

Nesta perspectiva, o objetivo principal deste estudo é analisar, por meio dos dados obtidos nas entrevistas com pessoas envolvidas na organização da festividade, sendo um total de 5 (cinco) participantes, os itens lexicais que tiveram o seu sentido modificado em relação as práticas culturais da celebração que sofreram adaptações e/ou mudanças, pois consideramos que o léxico pode refletir características culturais de um povo, como inovações ou a permanência de práticas culturais.

O que justifica o nosso estudo é, primeiramente, possibilitar a valorização de práticas pertencentes à cultura popular goiana e registrar, de forma escrita, o léxico matizado por práticas culturais da Região da Onça de Jataí (GO), pois a transmissão cultural nesse meio se dá pela oralidade, visto que, conforme afirma Faraco (2005), a escrita fixa mais do que a fala.

Algumas considerações sobre a festa de Nossa Senhora da Abadia e o *locus* da pesquisa

Faz-se necessário discorrer sobre o nosso tema de pesquisa, pois para entender a lógica do grupo que realiza a festa e as ressonâncias discursivas dos itens lexicais específicos da festividade é necessário compreender como ela acontece. A festa em honra à Nossa Senhora da Abadia em Jataí-GO, conforme afirma Oliveira (2009, p. 7), que fez um estudo histórico do festejo com base em narrativas de antigos moradores da Região da Onça, a celebração teve início em meados do ano 1884 (mil oitocentos e oitenta e quatro): “O culto à santa iniciou como pagamento de uma promessa por volta do ano de 1884”.

Depois da promessa feita, pedindo para que os índios deixassem as terras da Região da Onça, todos os anos, as famílias da localidade, que eram e ainda são predominantemente católicas, cumprem a promessa e realizam o festejo em agradecimento pelo voto feito no século XIX e por outras promessas do grupo, pelas quais os seus membros obtiveram os pedidos realizados.

É pertinente considerar que a região é nomeada de Onça por ter havido no passado, um número considerável desse animal na área e pelo fato de que as onças espreitavam as presas na beira do córrego que é homônimo ao território, como explica Oliveira (2009). A Região da Onça fica localizada na região norte do município e é conhecida por uma intensa atividade agrícola, assim como a cidade de Jataí e, apesar de ser composta por pequenos sítios, as terras são arrendadas¹ para grandes agricultores, que fazem o cultivo de soja e milho. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ela possui uma área total de 124 (cento e vinte e quatro) quilômetros quadrados.

Contudo, a festividade de Nossa Senhora da Abadia não respeita limites político-territoriais, pois a festa ultrapassa as fronteiras da comunidade e extrapola a divisa com o município de Rio Verde, e com outras comunidades vizinhas, como a região do Rio Doce.

O rito da folia consiste em levar a bandeira de Nossa Senhora da Abadia às casas da comunidade, entoar as cantigas e pedir doações aos moradores dos sítios para a realização da festa em honra à santa de devoção. A folia é composta por no mínimo 8 (oito) foliões, tem início nos territórios da Região da Onça e passa pelas regiões do Planalto Verde, que faz divisa com o município de Montevidiu, do Rio Doce, localizada no município de Rio Verde e também adentra em terras de regiões próximas à Onça. Como assegura Oliveira (2009, p. 7), “algumas das regiões visitadas pela folia são Indaiá, Sobrancelha, Córrego Fundo, Jataí, Bonsucesso, Cambauvinha, Pedras e Guadalupe”.

A duração dos dias de festejo e dos ritos é de aproximadamente 20 (vinte) dias e a maioria da comunidade se envolve, pois o intuito da folia é angariar donativos e prendas para a realização da festa, pois, de acordo com as entrevistas, duas mil

¹ Essa prática consiste em ceder a outrem, por meio de um contrato, o uso das terras, por um tempo e preço previamente estipulados.

peças, em média, frequentam a festa. Durante esses dias, os colaboradores vão para o sítio que recebe a festividade e ajudam na execução de tarefas que precisam ser desempenhadas para a realização do festejo, desde catar feijão, limpar frangos, matar vacas, construir bancos e mesas, fazer fornalhas, bolos e biscoitos, a fim de que os convidados e os participantes da festa, aqueles que auxiliam na sua execução, possam ser bem servidos.

No dia 14 (quatorze) de agosto, há a principal celebração em homenagem à Santa, pois toda a comunidade se reúne, as pessoas da cidade comparecem à festa e, em sua grande maioria, participam dos ritos que acontecem neste dia. O primeiro deles é a chegada da bandeira de Nossa Senhora da Abadia, em que se entoam cantigas em louvar à Santa, em agradecimento pelas doações arrecadadas. O segundo rito que acontece é a reza do terço, se essa for a vontade do festeiro. Caso não seja, já é disponibilizado um churrasco para os convidados e posteriormente é servido o almoço.

Posteriormente ao almoço, os moradores da região organizam-se e há a dança do catira, que é aberta para qualquer pessoa que saiba dançar e queira participar, mostrando-nos uma face da cultura popular, que de acordo com Paula (2010, p. 413), “é a possibilidade de se tornar um agente da prática cultural”, que faz com que a cultura popular seja inclusiva. Seguidamente, há as rodas de viola e a tiração de esmola, que se caracteriza pelo cantar de um grupo de foliões para as pessoas que, pelo fato de morarem na cidade, não foram visitadas.

Concomitantemente a este rito, dá-se início ao leilão, que é muito tradicional, pois é a partir dele que vem a ajuda financeira ao festeiro para cobrir os gastos com a festa. Após o leilão, há a janta, a reza do terço, o hasteamento do mastro simultâneo à queima da fogueira. O último rito do dia é a realização do sorteio de trabalhos específicos a serem realizados na festa do ano vindouro, como a confecção da fogueira, de mesas entre outros. Quem desejar participar, de forma voluntária, coloca o seu nome na lista de sorteio. O trabalho mais esperado é o do festeiro, pois o morador que sair festeiro será responsável pela execução da festa e o seu sítio será sede da mesma.

Com o fim do sorteio, dá-se início ao baile, com cantores e bandas típicos da região, já na madrugada do dia 15 (quinze). Após o final do baile, durante a manhã, o mastro é descido e a bandeira recolhida, configurando-se como o fim da celebração.

Léxico e cultura: algumas intersecções

O nosso estudo surge para dar relevo às pesquisas da área de estudos do léxico relacionados à cultura popular, haja vista que o objeto de estudo deste artigo são os expedientes lexicais, coletados via entrevista com os colaboradores do festejo, referentes à festa de roça de Nossa Senhora da Abadia. É importante afirmar que compreendemos a festa de roça (BRANDÃO, 1985) como uma manifestação da cultura popular, que ocorre primordialmente no meio rural e engloba indivíduos que partilham dos mesmos costumes culturais e religiosos, refletidos nas enunciações linguísticas da festa, como também nas danças e ofícios desempenhados pelos seus partícipes.

É válido mencionar que consideramos o léxico, assim como afirma Ferreira (2008, p. 197), como o “patrimônio cultural imaterial de um povo.” Desse modo, avaliamos que o léxico é a forma com que o homem demonstra a sua visão de mundo, pois, de acordo com Biderman (2001, p. 17), “o léxico categoriza o modo de ver o mundo, ele molda os saberes e recorta a realidade de um falante”. A autora ainda afirma que “a percepção que o indivíduo tem da realidade, de certa forma, é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele fala, pois as categorias existentes nessa língua o predispõem para certas escolhas de interpretação do real” (2001, p. 110). Sendo assim, o léxico nos mostra quais são os preceitos culturais do indivíduo e do grupo.

Desta feita, em consonância com Biderman (2001), Xavier (2012, p. 470) pontua que “o léxico está prenhe de informações históricas das civilizações, presentes em textos orais e/ou escritos, haja vista que ele é o responsável pela representação do real na língua, intermediando, assim, a relação do homem com o seu meio”, o que revela que o léxico tem a capacidade de evidenciar traços históricos e sociais de um povo e ser o seu principal meio de expressão cultural.

Ainda sobre as relações entre língua e cultura, Biderman (2001, p. 111) afirma que “o sistema de cada língua não é apenas um instrumento de reprodução para emitir ideias mas ele é sobretudo um modelador de ideias, o programa e o guia para a atividade mental do indivíduo”, caracterizando o léxico como o maior meio de expressão cultural de um grupo ou pessoa.

Destarte, este artigo parte da perspectiva de que a língua está estreitamente ligada à cultura de uma comunidade. É por meio da cultura que toda a percepção de

mundo, crenças, princípios e valores são transmitidos através dos anos, de geração em geração. Consideramos que é por meio do léxico que os traços culturais (SAPIR, 1969) tornam-se mais evidentes, justamente pelo fato de que o léxico recorta a visão cultural, podendo mostrar novas características culturais que foram incorporadas ao longo do tempo e referenciar práticas que foram adaptadas ou abandonadas.

Esse fato ocorre porque, segundo Sapir (1969, p. 59), “a mudança cultural e a mudança linguística não correm ao longo de linhas paralelas e, portanto, não tendem a se manter numa relação casual íntima”, porque a mudança cultural acontece de forma muito mais rápida do que a mudança linguística. Caso exista uma mudança nas práticas culturais, ela poderá se revelar no léxico, pois a mudança linguística ocorre de forma mais gradual. Por isso, é possível analisarmos os itens lexicais advindos das entrevistas e perceber características socioculturais, como mudanças, adaptações e permanências de práticas culturais, assim como o modo pelo qual um povo enxerga o mundo.

Ao nos referirmos à cultura, podemos entendê-la a partir da visão de Lévis-Strauss (1975), como a capacidade simbólica de atribuir significado pelo modo de agir, pensar e sentir de uma sociedade, que a diferencia das outras. Ademais, a cultura serve como elemento de simbolização, que nos difere uns dos outros, seja pelo trabalho, gestos, comidas, religião, modos de compreensão do mundo, ensinamentos, roupas, hábitos e costumes que nos particularizam e nos mantêm unidos a um grupo com o qual compartilhamos preceitos culturais.

Hall (2016, p. 38) considera que

Assim como as pessoas pertencem à mesma cultura compartilham do mesmo mapa conceitual relativamente parecido, elas também devem compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, pois só assim, os sentidos serão efetivamente intercambiados entre os sujeitos.

Assim sendo, constatamos que os sujeitos que participam da celebração de Nossa Senhora da Abadia, em Jataí (GO) e doam os seus trabalhos compartilham das mesmas linguagens, pois a participação no festejo não seria possível se eles não integrassem a mesma cultura, partilhassem dos gestos participação, devoção, doação e pertença ao grupo cultural.

Quando pensamos na cultura popular, trazemos à baila as considerações de Malinowski (1985, p. 35), o qual assevera que “as tribos culturais populares, ao

contrário das grandes instituições não possuem documentos normativos, arquivos, mas possuem os usos da linguagem como forma de documento”. Assim sendo, vemos que uma das características da cultura popular é a tradição oral usada como meio de arquivar as suas práticas e como mecanismo de transmissão.

Nesse ínterim, Caldas (2007, p. 81) salienta que

popular (*populare*, em latim) é tudo aquilo próprio do povo, as coisas que são agradáveis a ele que contam com sua simpatia, ainda que parcialmente. Assim, em rápidas palavras, cultura popular pode entender-se como aquela parte da cultura produzida para o povo e pelo próprio povo, que tem na língua o seu maior meio de propagação.

Com base nessa assertiva, notamos que uma das características essenciais da cultura popular é que ela é voltada para o povo, ou seja, a sua base funda-se na comunidade e é produzida por meio dela conforme os seus assuntos de interesse, aspecto esse muito comum em grupos de cultura rural. Um traço primordial da cultura popular é que ela designa-se por ser essencialmente baseada em textos orais, como considerou Paula (2010). Ao relacionarmos esse contexto com localidade estudada, observamos que a oralidade é tradicional no âmbito rural e é comum que os seus partícipes não registrem as suas práticas de modo escrito, como acontece com a festa de Nossa Senhora da Abadia, com as folias de reis e com tantas outras manifestações populares-que garantem as suas normas e transmissão pela oralidade.

Malinowski (1985) descreve as comunidades de cultura popular como essencialmente orais, o teórico nos leva a refletir que, apesar de a cultura popular parecer simples e pouco complexa, ela é muito densa, dinâmica e permanece passível de mudanças.

À luz de Coseriu (1977, p. 54), “o saber linguístico é cultural. Isso significa que a língua, além de fundar e refletir a cultura não linguística, é ela própria cultura”. Quer dizer, a língua de um grupo será o seu maior meio de expressão cultural, pois é a partir das atividades de nomeação, da percepção que o grupo tem do ambiente do qual faz parte que os elementos linguísticos ganham significação, configurando-se como parte da cultura do grupo. A língua partilhada por uma comunidade a identifica, porque o saber linguístico de um povo reflete, seu nível léxico, em certa medida, a própria cultura, porque eles não são equivalentes, contudo relacionam-se através das forças socioculturais que fazem tanto a cultura, quanto o léxico de um grupo

adquirirem valor, sentido e significação, fazendo com que trabalhos como esse sejam passíveis de realização.

Em concordância com a assertiva de Coseriu (1977), Câmara Jr. (1965, p. 18) teorizou que

a língua se apresenta como um microssomo fértil da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural valioso [...] nesse sentido, é o fragmento de cultura de um grupo humano a sua língua.

Então, vemos que língua, léxico e cultura, são relacionadas, existem outros modos de manifestação além do verbal, mas que este caracteriza a cultura, significa e a transmite ainda mais quando tratamos de cultura popular, que é fundada e transmitida, principalmente, via textos orais.

Ao falarmos acerca da cultura, vemos que a língua é o principal meio de identificação cultural de um povo, pois, por meio dela, é possível observar traços característicos de uma comunidade, como usos de vocábulos específicos de uma região, por exemplo. Ao pensarmos sobre a língua, consideramos que o ambiente físico se reflete nela a partir do momento em que as forças sociais, o povo e a cultura atuam sobre ele. No que se refere à relação entre língua e cultura, recorreremos aos estudos de Câmara Jr. Para o autor, a língua é o resultado da cultura.

A LÍNGUA, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura comunica-la e transmiti-la (CÂMARA JR, 1955, p. 54).

Por isso, é possível ter acesso à cultura de uma comunidade, ao estudar os usos linguísticos característicos de uma comunidade, porque, de acordo com Câmara Jr. (1969), a língua é uma face da cultura e, por esse motivo, o estudo lexical justifica-se por possibilitar, além da análise dos itens lexicais de uma língua, inferências sobre o ambiente e contexto sociocultural de uma comunidade.

Metodologia

A fim de realizar entrevistas com os moradores da Região da Onça que participam da festa dedicada à Santa estabelecemos alguns critérios de seleção dos participantes, tais como: i) ter familiaridade com a comunidade pesquisada; ii) ser morador ou ter residido na Região da Onça; iii) exercer alguma atividade ligada à

organização da festa, pois o participante da pesquisa teria que ter uma noção mais aprofundada da dinâmica da festividade e dos ritos de preparação e execução da celebração de Nossa Senhora da Abadia; iv) participar, há mais de 20 (vinte) anos, do festejo, haja vista a intenção da pesquisa de analisar as mudanças culturais e lexicais por que passou a festa.

Foram selecionados 5 (cinco) colaboradores, sendo duas mulheres e três homens, de 45 (quarenta e cinco) anos a 82 (oitenta e dois) anos. O número de entrevistados foi definido levando-se em conta o tempo que tínhamos disponível para a execução da pesquisa, considerando que ela possui uma natureza qualitativa.

A metodologia escolhida para subsidiar as análises foi a lexicultural que, de acordo com Siqueira (2013), considera como elementos importantes para a pesquisa fatores tanto o léxico como a cultura. Siqueira (2013) julga as entrevistas cedidas à pesquisa como documentos pelo fato de registrarem particularidades dos participantes e circunscreverem o tempo histórico, a sociedade e a cultura desses sujeitos.

O *corpus* deste estudo foi constituído pelas gravações das entrevistas com 5 (cinco) participantes da festa de Nossa Senhora da Abadia. Anteriormente à gravação das entrevistas, as leituras de Paula (2010) e Bernardo (2015) fizeram-se relevantes, pois os participantes estavam suscetíveis a certos riscos, porque, ao reviver memórias, eles poderiam trazer à tona uma rede de emoções, capazes de sensibilizá-los. Por esse motivo, submetemos este estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa para que tanto os entrevistados como os pesquisadores estivessem resguardados quanto à ética no tratamento dos dados que constituíram o *corpus* esta investigação.

Para fazer menção aos participantes, usamos os critérios de Bernardo (2015), pois para preservar a integridade dos entrevistados ocultamos os seus nomes e demos símbolos específicos. Nas palavras do autor,

Para referenciar os sujeitos da pesquisa, de maneira a agir eticamente e, assim, manter sob sigilo a sua identificação, criamos os seguintes códigos identificadores: N de narrador, seguido do numeral cardinal indicador da ordem das visitas, M ou F para indicar o sexo, seguido de numerais cardinais correspondentes à idade do sujeito na ocasião da visita (BERNARDO, 2015, p. 22).

Assim, ao nos referirmos, diante da nossa primeira gravação, a um participante de 61 (sessenta e um) anos, do sexo masculino, o seu código seria

N1M61, mas optamos por P1M61, indicando que ele participou da primeira entrevista, é do sexo masculino e tem sessenta e um anos de idade. Optamos por usar o termo participante (P), por não se tratar de narrativas, e sim de entrevistas, realizadas por meio do uso de um roteiro semiestruturado.

Para a transcrição das entrevistas, utilizamos como modelo os critérios de Paula (2010), que desenvolveu um método de transcrição que preserva a fala do participante, pois consideramos que o uso que um falante ou um grupo faz da língua reflete o seu contexto cultural. Os critérios selecionados para a transcrição, a saber foram:

1.': O uso do apóstrofo relaciona-se com o início ou o fim de palavras, a fim de indicar supressão de parte que não compromete o entendimento do sentido do que foi dito. Exemplo: "É como eu falo, hoje esses folião num bebe igual bebia não, antes eles era uns pau d'água, [vo]cê precisava de vê" (P1M66).

2. **[parte de palavra]:** relaciona-se a fonemas ou sílabas suprimidas durante fala, mas que podem ser mostrados a fim de facilitar a compreensão.

Exemplo: "Ai [vo]cê ia pegá[r] aquelas forna[lh]ia... os tacho na forna[lh]ia e aquilo caia tudo, virada uma coisa d'outro mundo" (P4F68)

3. ... relaciona-se a pausas no fluxo narrativo, características de textos orais.

Exemplo: "O meu pai nunca teve na lista de festa não.... sabe ele num queria ser festero." (P1M66).

4. * relaciona-se a trechos em que era necessário a ocultação de nomes para preservar a identidade dos moradores da região, haja vista que o Comitê de Ética em Pesquisa recomenda que os participantes tenham seus nomes preservados.

Exemplo: * "Nesse final de semana mesmo, a * falou p[a]ra mim que foi na casa da festa, ela disse que tava um trupelo de gente lá, coitada da *, a festeira, coitada!" (P5F75).

Resultados e discussões

Ao selecionarmos as lexias que faziam referência às práticas culturais da festividade de Nossa Senhora da Abadia em Jataí (GO), encontramos um total de 176 (cento e setenta e seis) lexias e, desse número, apenas 10 (dez) revelavam mudanças ou adaptações de práticas culturais do festejo, mostrando que essa comunidade tende

mais a conservar os seus traços culturais do que a modificá-los. Nesse ínterim, Paula (2010, p. 412) afirma que as práticas de cultura popular, principalmente as do meio rural, “fortalecem não somente o seu vernáculo, mas, igualmente, sua identidade social, que é um mecanismo de resistência a mudanças e de preservação dos valores culturais compartilhados”, isto é, têm como premissa a conservação dos costumes e práticas culturais.

Foi perceptível nas entrevistas dos participantes que, embora a prática cultural tenha sofrido alguma mudança, o seu léxico registra a sua forma mais conservadora Siqueira (2013), em seu estudo sobre as práticas de trabalho rurais voltados essencialmente à cultura popular, também constatou que, “Nas lexias proferidas pelos informantes, quando relatam suas vivências, encontramos os traços de uma cultura popular conservadora, fato que evidencia identidades culturais também conservadoras” (p. 23) Isso nos mostra que um modo de conservar a identidade do grupo é rememorar práticas culturais que não sobreviveram com o tempo ou que sofreram adaptações.

Encontramos 10 (dez) lexias cuja prática respectiva foi adaptada ou abandonada, a saber: **Cortador de palha** (10); **Empalhar** (10); **Fiscal de mesa** (15); **Jacá** (6); **Procurador de esmola** (9); **Tralha** (8); **Tesoureiro** (3); **Toldeiro** (22); **Bacheiro** (5); **Toldar** (9). Todavia, optou-se pela análise das 5 (cinco) mais frequentes: **cortador de palha**, **empalhar**, **fiscal de mesa**, **tralha** e **toldeiro**.

Para a melhor apresentação dos dados, optamos por construir um quadro com as lexias e suas abonações, a qual será seguida por sua respectiva análise.

Lexia	Abonação
Toldeiro	“Ah, imprego o que diminuiu foi o da torda, né? Porque tinha os tordero , né? Só que esse imprego acabou porque num pode mais tira madêra dos mato, né? O povo desmata tudo, ai proibiram. Onde era os mato virô[u] só lavora e pasto... ah, e depois com usina foi viran[d]o só cana, dai num tinha como fazê[r] as torda, né, *? Agora hoje cum a tenda num tem mais tordero , né? Mais, o povo que mexe com as tenda nós fala tordero também, porque é quase que a mesma coisa, né, *, tem que montar aqueles trem tudo”. (P4F68:).
Cortador de palha	“Então, meu marido já fui cortadô[r] di páia , porque antes num era de torda, era di páia de indaiá, dai tinha que empaiá[r] , porque antigamente num era di torda, num era di tenda. Então tinha esse emprego de i[r] nus mato das fazenda pra tirá[r] as páia. Tudo isso nós já feiz.” (P5F75:).
Empalhar	“Oia, di primero o movimento da festa era diferente do de hoje, né? Era torda, a festa di São Sebastião era rancho di foia de indaiá qui nós fala, né?”

	A de agosto era torda, né? De foia, né? Intão tinha que tê[r] cobertura,tinha que impaiá , tinha qui sê cumpleto, feito bem feito. Era só uma torda, aí era só uma sombra, a torda era pra fazê uma sombra, então aí fazia, empalizava em volta. Aí com o decorrê du tempu foi ficano difícil, o meio de transporte qui era carro di boi foi acabano, a merma foia foi acabano, começô a mexê cum lavora, começô a distruí os indaiazal que tinha, né?” (P3M82).
Fiscal de mesa	“Então, * eu já fui de tudo um pouco nessa festa, sabe? A gente gosta demais de participá[r], de ajuda[r]. Então eu já fui de rachadô[r] de lenha a alferê, festeiro, fiscal de mesa , quando tinha, eu ainda cheguei a ser fiscal de mesa . Agora esses minino novo num chegaro não, eles é só servente de mesa mesmo” (P2M45).
Tralha	“Nóis andava era a cavalo, hoje mudô[u] bastante... que hoje num anda mais de cavalo, num tem mais traia , num carrega as coisas nos sacco, tem mala. É até mais confortável pra gente.” (P1M66).

Quadro 1 – Mudanças socioculturais manifestas em alguns itens lexicais da Festa de Nossa Senhora da Abadia, de Jataí (GO)
Fonte: As próprias autoras

Conforme observa-se no quadro acima, **cortador de palha** é o nome dado a um ofício da festividade, em que a pessoa responsável por essa função tinha a obrigação de retirar das matas a quantidade necessária de palhas de coqueiros ou palmeiras para cobrir os toldos.

Ao analisarmos a lexia **cortador de palha**, observamos que ela fazia referência à prática de extrair da natureza as palhas necessárias para cobrir os toldos construídos no terreno do sítio que servia de sede para a celebração, para que os convidados e os participantes ficassem mais à vontade, caso estivesse chovendo ou com o sol muito quente, causando desconforto.

Nesse sentido, observamos na abonação da lexia **cortador de palha**, que a participante relata saudosa os ofícios que ela e seu marido já desempenharam na festividade, mostrando a sua vivência com a celebração. É pertinente notar que, com a adoção do uso de tendas alugadas, o ofício de **cortador de palha** deixou de existir, pois não era mais necessário executar essa tarefa.

Apesar da prática de cortar palhas não mais existir, ela ainda é viva na memória dos participantes e é conservada através do léxico deles, pois mesmo não realizando essa ação, ela ainda faz-se presente na fala dos entrevistados, elucidando que, nesse contexto, o léxico, como assevera Paula (2010), atua conservando práticas de outrora.

Já **empalhar** consiste na ação referente a cobrir com palhas as tendas construídas para a festa da Senhora da Abadia. O responsável por esta ação era o **toldeiro**, encarregado de construir as tendas para o festejo. Por conseguinte, a lexia **empalhar**, que está relacionada com a continuidade do trabalho do **cortador de palha**, pois ele cobria a parte de cima dos toldos com palha, para fazer sombra, deixou de existir. Ao considerarmos a abonação de **empalhar**, constatamos que a participante deixa claro que, com o passar dos anos, essa ação foi tornando-se difícil de ser realizada, pois não havia mais folhas de coqueiros de indaiá disponíveis para cobrir as tendas devido à grande atividade agrícola na região.

A lexia **empalhar**, assim como **cortador de palha**, expressa que as práticas a que se referem ainda estão vivas na memória coletiva do grupo e fazem parte do léxico ativo da comunidade, demonstrando que a mudança linguística demora mais tempo para acontecer em relação às sociais e culturais. Isto é, a prática cultural deixou de existir, mas ainda faz parte do léxico dos participantes, confirmando o que Sapir (1969) teorizou sobre mudança cultural e linguística.

O **fiscal de mesa** era o nome dado à pessoa que exercia a função de zelar pela mesa de alimentos. Quem desempenhava esse emprego era responsável por conferir se os alimentos precisavam ser repostos, liberar a comida na hora certa e até mesmo impedir que convidados levassem muita comida, principalmente doces e quitandas, para suas casas.

Conforme a sua abonação, vemos que ela sofreu uma adaptação porque a sua função sofreu alterações, pois antes a pessoa responsável por esse ofício precisava vigiar a mesa e, com as alterações advindas com a expansão da festa, que tomou proporções muito grandes, os festeiros não conseguem mais arcar com todos os doces e quitandas. Por esse fato, não há mais o emprego de **fiscal de mesa**, mas sim de **servente de mesa**, porque a sua obrigação é somente servir as refeições, a saber, almoço, lanche e jantar, na mesa e liberar os alimentos no momento certo.

Já a lexia **tralha** era o nome dado aos pertences dos foliões quando a folia fazia o giro a cavalo, pois não era possível levar muita bagagem porque os animais não aguentariam tamanho esforço. Os objetos dos foliões eram colocados em sacos e amarrados no arreio do animal.

Pelo fato de agora o giro ser realizado de carro, há espaço suficiente para que os foliões levem os seus pertences em malas, e não em um saco plástico. Destarte,

podemos recorrer ao que escreveu Sapir (1969) sobre as práticas culturais sofrerem adaptações e conseqüentemente haver uma alteração na língua. Embora os foliões continuem levando os seus objetos e percorrendo o giro, a adaptação do uso do carro em lugar do cavalo culminou em alterações de lexias usadas pelo grupo para nomear, porque a prática já não é a mesma, confirmando que o léxico pode ser um meio de acesso à cultura e vivência de um grupo.

O **toldeiro** era o nome dado a um emprego da festa, em que a pessoa era incumbida de construir, no sítio que recebe a festa, os toldos para acomodar os participantes da festa. Embora a prática de construir toldos já não exista no festejo, os moradores da região ainda usam a lexia para se referirem à pessoa responsável por alugar as tendas e montá-las, mesmo que ele não construa nada.

Observamos que essa adaptação do uso lexical advém de uma mudança cultural, pois a prática de construir tendas foi deixada de lado, principalmente, por fatores exteriores à festividade, como o crescimento da plantação de lavouras, o desmatamento para a plantação de capim para pasto e, mais recentemente, a vinda de uma usina de álcool que fez com que o desmatamento acelerasse. Todos esses fatores tornaram a construção de tendas inviável, pois não era possível extrair a matéria-prima necessária.

É notório que a lexia **fiscal de mesa**, ao contrário de **toldeiro** e **tralha**, teve o seu uso modificado por aspectos da própria festividade, neste caso a sua expansão territorial, fazendo com que algumas práticas tivessem de ser adaptadas para que continuassem a existir, desse modo, revelando-nos, como afirma Caldas (2007), que práticas remotas e novas práticas culturais convivem em harmonia nos festejos de cultura popular.

Já ao observarmos os itens léxicos **tralha** e **toldeiro**, notamos que eles sofreram adaptações em seu uso devido a fatores externos à celebração, como o crescimento agrícola e conseqüente desmatamento da região, que impossibilitaram tanto o uso da força animal para o transporte dos foliões, quanto a extração de matéria-prima para a construção de toldos na natureza, fazendo com que fosse necessária a adoção de novas práticas no festejo.

Nesse contexto, observamos que ações exteriores à festa também têm reflexo nos seus ritos, remetendo-nos ao que Bosi (1992) pontua sobre as comunidades que mantêm tradições populares não existirem isoladas de um todo social, pois as culturas

estão sempre em contato umas com as outras, seja a cultura popular, a cultura erudita ou a de massa (BOSI, 1992) e, conseqüentemente, esse fato influencia no uso de itens léxicos relacionados a mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Considerações finais

O léxico de um grupo está intimamente ligado com a sua cultura, pois, para Biderman (2001, p. 13), “O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Ou seja, o léxico reflete a visão de mundo que um falante tem, que está intrinsecamente ligada à cultura do indivíduo. Assim, ao analisarmos o uso de lexias na festa de Nossa Senhora da Abadia, constatamos que os aspectos culturais de um povo implicam diretamente nos aspectos linguísticos, haja vista que se um grupo cultural aderir ou iniciar uma nova prática de cultura, há, indissociavelmente, a necessidade de nomear tal ação e, conseqüentemente, teremos a criação ou recriação de uma lexia.

Na festividade religiosa em estudo, percebemos que algumas práticas culturais sofreram alterações ao longo dos anos, pois novas ações e funções fizeram-se necessárias para a manutenção do festejo, ao passo que outras deixaram de existir. A esse respeito, Brandão (1986, p. 102) pontua que “as práticas de cultura popular precisam se reinventar para perpetuarem ao longo dos anos”, pois as comunidades não existem isoladas do meio social e, por mais conservadoras que sejam, o contato com outras sempre existirá.

Com as narrativas dos participantes, pudemos comprovar que alguns ritos da festa foram adaptando-se, na maioria das vezes, influenciados pelos projetos de modernização. Por esse motivo, houve o abandono de certas práticas culturais que ainda permanecem vivas nas memórias coletiva e individual e são transmitidas e reafirmadas pela linguagem oral.

Outras práticas culturais não foram abandonadas, mas adaptadas e esse fator tem grande impacto para a linguagem, pois os membros da comunidade sentem a necessidade de adaptar igualmente a nomeação, como é o caso das lexias **fiscal de mesa** e **servente de mesa**. Em outros casos, os falantes conferem um novo sentido ao expediente lexical, como foi o caso do **toldeiro**, pois a lexia continua a mesma, só

o seu sentido que foi expandido, nos revelando, dessa forma, a criatividade dos falantes da comunidade da Onça.

Também consideramos que a incorporação de novas atividades é refletida no léxico da comunidade e propagadas por meio da oralidade, pois novas lexias são criadas ou tem o seu uso recriado, como o item lexical **mala**, nos fazendo inferir que elas são capazes de conferir novas nuances de significados.

Outro aspecto importante é a presença dos elementos culturais que matizam e conferem relevo ao significado dos elementos léxicos utilizados por aquele grupo, mostrando, de diferentes modos, as relações que tanto a língua como a cultura têm com o meio social.

Referências

BERNARDO, J. L. **Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre o catolicismo popular na comunidade de São Domingos**. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, 2015.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-23.

BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: _____. (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1992. p. 7-14.

CALDAS, W. **Cultura**. 5. ed. São Paulo: Global, 2008.

CÂMARA JR., J. M. Língua e Cultura. **Letras**, Curitiba, v. 4. p. 51-59, 1955. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/20046/13227>> Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1965.

COSERIU, E. **Principios de Semántica Estructural**. Madrid: Editorial Gredos/Biblioteca Románica Hispánica, 1977.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Manuela Barros. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). **Estudos Geolinguísticos e Dialectais sobre o Português- Brasil – Portugal**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

FRANÇA, B T. **Pioneiros**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura – Gráfica do Livro Goiano, 1972.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Ituassu, A.; Tradução: Miranda, D. e Oliveira, W. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia cultural**. Tradução de Katz, C S. e Pires, E. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MALINOWSKI, Br. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradução Carr, A. P. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

OLIVEIRA, M. F.; LOPES, R. M.; PEIZINHO, D. M. e MIRANDA, M. S. M. **Fazer religioso e festivo**: Festa de Nossa Senhora da Abadia na “Comunidade da Onça”. Jataí: [s.n], 2009.

PAULA, M. H. de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. 2010. p. 88-96. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp037532.pdf>>. Acesso em: 12 de ago. 2016.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à Província de Goiás**. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: _____. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SIQUEIRA, G. M. **Campos lexicais e cultura no caminho das bandeiras**. 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

XAVIER, V. R. D. **Conexões léxico-culturais sobre as minas goianas setecentistas no Livro para servir o registro do caminho novo de Parati**. 580 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

Recebido em 31 de março de 2019
Aprovado em 12 de setembro de 2019